

## JOSÉ DE ALENCAR E A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

José Alves Fernandes

*Epígrafe*

*“(...) só o povo; esse ‘ignorante sublime’, pode  
transformar uma língua; os escritores a enriquecem.”  
(Pinheiro Chagas – escritor português)*

Parece-nos ser este o sentido verdadeiro da referida epígrafe: A transformação de uma língua, isto é, a sua evolução constante através do tempo, é o resultado da participação de todos os falantes, do conjunto da população, no intercuro diário das suas variadas e heterogêneas relações sociais. O seu enriquecimento, isto é, as variações inovadoras, tanto na criação de novos termos, como no estabelecimento de novos modos de expressão, constitui obra dos escritores, ou seja, dos artistas da linguagem. Como preleciona o linguista espanhol don Ramón Menendez Pidal: “tanto el más pequeño como el más grande cambio que ocurre en el idioma obedece siempre a la iniciativa de algún individuo y a la adhesión que a esa iniciativa prestan otros individuos, imitandola e reajustandola a su propio gusto.”

Está claro, todavia, que a evolução natural e as criações inovadoras não são estanques, porquanto muitas vezes os criadores literários se valem do substrato comum como base da sua escritura artística. Não existem textos que, em última análise, não participem do patrimônio linguístico universal.

Entre os escritores – de maneira geral considerados criadores ou inovadores naturais – existem aqueles que são, particularmente, assinalados na história de uma língua. Aqueles que são marcadamente diferenciais. Isso em todas as línguas de cultura do mundo.

Para não falarmos do Mundo Antigo, mencionemos alguns exemplos representativos do Renascimento aos nossos dias.

Já no próprio Renascimento temos um exemplo sumamente representativo da influência da linguagem de um autor ou de alguns autores para o destino do idioma em que se expressam.

A língua italiana teve o seu destino marcado pela contribuição de três autores considerados seus padroeiros ou patronos definitivos, a saber, Dante, Petrarca e Boccaccio, denominados por isso antonomasticamente: *Le Tre Corone* – As Três Coroas do idioma.

Tão importante foi o papel desempenhado por esses três autores que o dialeto toscano ou florentino em que foram escritas as suas obras veio a tornar-se a língua literária padrão da Itália, superando em “status” a da própria capital do país, Roma.

Por essa razão, costuma-se dizer: a língua de Dante, a língua de Petrarca, a língua de Boccaccio.

Da mesma maneira, querendo-nos referir ao inglês, dizemos: a língua de Shakespeare, a língua de Milton, o idioma de Charles Dickens, etc.

Em relação ao francês, dizemos: a língua de Balzac, a língua de Flaubert, a língua de Chateaubriand, a língua de Proust, a língua de Zola, a língua de Victor Hugo, etc.

Referindo-nos ao alemão, dizemos: o idioma de Goethe, ou de Schiller, ou de Lutero, etc.

E na língua portuguesa, o escolhido como símbolo da fixação da nova era instauradora da língua lusitana foi o poeta dos *Lusíadas*. Por isso dizemos a língua de Camões.

E na sua sequência, como figuras exemplares, que têm sido referidas como marcos na evolução e aperfeiçoadores da língua, poderíamos mencionar diversos outros, tanto em Portugal como no Brasil.

À língua portuguesa seria pertinente, nesse contexto, aplicar-lhe a denominação consequente de língua ou idioma de Vieira, a língua de Herculano, a língua de Garrett ou de Camilo, bem como a língua de Machado de Assis, a língua de Gonçalves Dias, a língua de Euclides da Cunha, etc.

A nenhum destes citados autores brasileiros seria impertinência conferir-lhe a aplicação da honrosa expressão antonomástica acima comentada.

A mais justificável ou justificada, porém, caberia a José de Alencar.

A razão dessa prioridade reside no fato de que a sua cota de criatividade e de pioneirismo sobrepuja à de todos os demais.

Não é sem razão que ele tem sido considerado como o patriarca da literatura brasileira e, com certeza, o maior prosador do nosso Romantismo.

Por conta do seu alto grau de criatividade e de arraigadas convicções sobre fatos da linguagem, fruto do seu permanente estudo e desvelo pela construção da sua obra, suas posições vieram a despertar discordâncias e, em consequência, a gerar indisposições e críticas ao seu comportamento relativo a determinados aspectos da sua forma de escrever.

Desde a ortografia à sintaxe, sem calar a sua contribuição no domínio do léxico.

Nem todos os pontos feridos pela sua postura crítica ou pragmática vieram a obter apoio ou adesão. Mas em muitos casos, a análise dos pósteros veio, na sequência dos tempos, a conceder-lhe razão. Não era um leviano ou superficial, era um permanente estudioso dos fatos da língua, além de um talento bem servido por especial e fina sensibilidade artística. Era um artífice sagaz, na etimológica acepção do termo: tinha agudo “faro” ou privilegiada estesia premonitória. Não podemos negar a excepcionalidade dos grandes artistas em qualquer dos diversos domínios da criação estética.

Passemos a referir algumas das especificidades do nosso Autor.

Na ortografia, por exemplo, José de Alencar, por razões que procurava justificar, escrevia sempre a preposição “a” graficamente acentuada (com o acento agudo – *â*) para evitar ambiguidade com o artigo “a”, segundo ele “duas partículas (...) distintas pelo sentido e pela pronúncia”.

Isso nos leva a entender que Alencar pronunciava de maneira distinta esses dois morfemas ou essas duas partículas, na terminologia do nosso Autor.

Quanto ao chamado “a” craseado (*à*) Alencar, como o geral dos escritores da época, grafava *â* (com acento agudo) e não com acento grave.

Aproveitando o ensejo da recente proposta de reforma ortográfica do Português, queremos lembrar a distinção que costumava fazer o nosso Autor entre as formas da 1ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 1ª conju-

gação, v.g., amamos (amâmos)/ amámos; passamos (passâmos)/ passámos e que a atual Reforma está voltando a propor, embora em caráter opcional (Base IX, § 4º): “É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, do tipo amámos, louvámos, - .”

Um exemplo de Alencar: “Não foi para isso que nós a criámos.”

Tal distinção, mais observada em Portugal que no Brasil, parece justificar-se em certa medida, mas não deve realmente ser instituída a título de preceito oficial.

O povo na sua sabedoria espontânea ou intuitiva, encontrou uma outra saída para evitar a possível ambiguidade. Em vez de “tomámos”, para diferenciar de tomamos (tomâmos) diz “tomemos”. “Patrão, nós já tomemos o café, sim, senhor.” “Desde ontem que nós soltemos os animais.” Em vez de “soltámos”.

As formas dezasseis, dezassete e dezanove eram as usadas por Alencar, mas também por outros escritores da sua época, tanto no Brasil quanto em Portugal. Em “O Nosso Cancioneiro”, escreveu: “Quando por fins do século dezassete divulgou-se a notícia da uberdade e riqueza dos campos do Ceará, - .”

Rui Barbosa também escreveu: “Se as misérias da dinastia francesa no século dezasseis estão, ainda hoje, protegidas// as da dinastia brasileira no século dezanove - .” (Queda do Império, I, p. 188)

Tais formas continuam a ser as únicas na pátria de Camões.

E para concluir estas breves referências a particularidades fonéticas da escrita alencarina, citemos mais estes dois casos exemplares. Alencar sempre escreveu “cômplice” e “concorrência” ao invés de “cúmplice” e de “concorrência”. Por quê? Porque assim as pronunciava em obediência à forma matriz, ou seja, o latim “complex – complicitis” a par de “concurrere” também latim donde se formaria naturalmente “concorrência” com u e não com o.

Se recorrermos à comparação com outras línguas neolatinas, vamos encontrar: em francês “complice”, em espanhol “cómplice” e em italiano “cóplice”.

Apesar de amplamente divulgado e comentado o ritmo poético da escrita de Alencar a ponto de haver-se classificado de poema em prosa a sua extraordinária criação de Iracema, certos analistas literários



de memória débil ou deslumbrados pela fulgor de novos valores vieram a campo para declarar a sua sintomática amnésia crítica ao formular declarações como esta: “Não foi por acaso haver a ele cabido a primazia de gerar uma nova forma de expressão literária, onde se fundem, de modo orgânico, a prosa e o poema.” Só que este “a ele” remete a Guimarães Rosa e não a José de Alencar, a quem caberia de direito e de fato a referida alusão. Pelo menos em relação à língua portuguesa.

A Iracema, sim, caberia aplicar-se o neologismo “prosoema”, igual a prosa-poema ou poema em prosa.

Quem desconhecera, por acaso, os ensaios ou tentativas de reduzir a versos o inspirado romance “prosoema” da “virgem dos lábios de mel” e de “cabelos mais negros que a asa da graúna”?

Comentemos mais um item dessa relação José de Alencar e a Língua Portuguesa.

Embora o mestre Celso Cunha, no seu Manual de Português, 7ª ed. rev., p. 255, considere um vulgarismo o emprego de “pasma” por “pasmado”, isto é, muito admirado, espantado - “Fiquei pasmo” - o nosso romancista assim escreveu: “D. Flor, que já apeava-se, foi tomada de uma surpresa dolorosa; e pasma com aquela audácia, recaiu sobre a sela.” (O sertanejo, Aguilar, III, p. 168). Poderíamos citar outras ocorrências, como em Lucíola, Aguilar, I, p. 313: “Assim pasmo e quedo, vi-a atravessar com lentidão a sala e desaparecer detrás de uma porta - .” Aparece ainda em Minas de Prata, Aguilar, 2ª parte, p. 116 e em Cartas de Erasmo, Aguilar, III, p. 954, etc.

E nisto não estava sozinho o nosso romancista. Vários outros literatos de peso se encarregaram de desqualificar a sentença cominatória do mestre Celso Cunha.

Euclides da Cunha em Os Sertões, p. 45 escreve: “E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto.” O sábio Araripe Júnior, em Luizinha, p. 106, também chancela a forma impregnada: “(...) pasmos descobriram uma cabeça como de uma criança que os espreitava” (p. 106).

Contra os numerosos erros ou deslizos de Alencar forma-se uma constelação de críticos apostados em desmerecer o seu valor e a sua importância nos quadros da literatura em língua portuguesa.

Diante da reação e das defesas do nosso escritor que insistia na diferenciação entre o português lusitano e o português brasileiro, cria-se a falsa e exagerada assertiva de que ele pretendia defender e propagar a tese da existência de uma língua brasileira.

Os termos exatos em que Alencar expressa a sua opinião ou a sua idéia de individualidade do nosso linguajar são abrasileiramento (substantivo) e abrasileirar-se (verbo).

Fala também expressamente em dialeto brasileiro e em português americano e português europeu.

Outra nota muito significativa da concepção de Alencar em relação ao português americano ou de aquém-mar é a referência à noção de estilo, mercê do qual se torna plenamente defensável a sua idéia da inevitável diferenciação das duas vertentes diferenciadas de uma mesma língua a serviço de dois povos com destinos forçosamente em vias de diversificação progressiva.

Quanto ao fenômeno do abrasileiramento, escreveu: “Não é somente no vocabulário, mas também na sintaxe da língua, que o nosso povo exerce o seu inauferível direito de imprimir o cunho de sua individualidade, abrasileirando o instrumento das idéias.” E ainda: “Enquanto a língua portuguesa vai assim enriquecendo-se, à proporção que se abrasileira, mantém em nosso país certas franquezas que sempre gozou desde sua origem e das quais o classicismo (ou classicismo) lusitano pretende despojá-la.” (O nosso cancioneiro, p. 27)

Quanto à feliz intuição de apelar para a importância-chave do estilo, discreteou: “Se nós, os brasileiros, escrevêssemos livros no mesmo estilo e com o mesmo sabor dos melhores que nos envia Portugal, não passaríamos de uns autores emprestados; renegariamos nossa Pátria e não só ela, como a nossa natureza, que é o berço dessa pátria.” (O nosso cancioneiro, p. 60-61)

A sua consciência do fator estilo na diferenciação das criações literárias reflete-se nas referências ao fato relativamente a outros ecúmenos em que se observam as mesmas ou idênticas condições.

Assim é que observa: “(...) sei, pelo testemunho de pessoas autorizadas que o estilo e a fraseologia da imprensa argentina difere tanto do espanhol europeu, como o nosso (estilo) do português lusitano.”

E com relação às duas variantes do inglês – americano e europeu – em nível de literatura, afirma: “Os americanos do Norte desde muito já se emanciparam da tutela da Inglaterra.” E acrescenta: “Chegará a vez da raça espanhola (nas Américas) e brasileira.”. E lança o prognóstico de que um dia “serão os escritores portugueses que se afeiçoarão (entenda-se: se acomodarão) ao nosso estilo, para serem entendidos do povo brasileiro, e terem esse mercado em que se derramem.”

Mas para isso, acrescentamos nós, é preciso que o povo brasileiro eduque os seus milhões de analfabetos e semi-analfabetos que continuam a envergonhar o nosso país.

Resumindo: A grandeza e a precedência de Alencar no panorama da história literária fundamenta-se primordialmente nas suas virtudes estilísticas, na aristocracia de estilo, na expressão do acreditado filólogo brasileiro Gladstone Chaves de Melo (Alencar e a Língua Brasileira, p. 47)

Digna de transcrever-se é a série de autores que merecidamente podem figurar como representantes da própria expressão linguística portuguesa, na opinião de Antônio Sérgio, celebrado vulto do cenário cultural de Portugal. A língua portuguesa, segundo ele, poderá chamar-se condignamente: “a língua de Camões, a de Vieira, a de Tomás António Gonzaga, a de Alexandre Herculano, a de Castro Alves, a de José de Alencar, a de Olavo Bilac, a de Machado de Assis ...” Aí está o oportuno e acertado resgate da figura exponencial do romancista de Iracema.

Faremos agora algumas considerações sobre o vocabulário ou o léxico de José de Alencar.

Não foi o nosso Autor, neste particular, um milionário ou nababo do léxico, a exemplo de Coelho Neto, mas não foi tampouco um escritor pobre, mesquinho ou limitado.

Contribuiu até mesmo para o acervo lexical do Português com a introdução de certo número de tupinismos e de africanismos.

Os estudos de cronologia do Português ainda não podem dar uma resposta definitiva quanto ao montante exato dessa contribuição.

Pelo que pudemos levantar até agora conseguimos inventariar os seguintes tupinismos: Capuão (ou capão de mato), Caraúna, Iara, Iracema, Itaoca, Moacir, Mucica, Perereca, Tangapema, Uru, Xará.

Dos africanismos podemos arrolar: Cacimbão, Cochilo, Dunga/ Dinguinha, Enquizilar, Molecada, Quengo, Tundá.

Outros termos gerais: Escumilhar, Palejar, Elance, Roçagar, Rubescência, Rubescente, etc.

Quanto ao léxico geral, tendo sempre em vista a expressão exata do que pretendia dizer, criou formas analógicas, forjou vocábulos novos a partir do substrato latino originário e chegou a usar formas pretensamente inéditas por não as haver nunca antes deparado em fontes literárias anteriores.

Muitos dos seus procedimentos neste particular foram adotados por outros escritores em todos os tempos diante da mesma angústia de expressão ante a infinita complexidade das emoções humanas que pedem vazão e liberação como forma de antídoto para os nossos tormentos existenciais.

Ou ainda para a pintura dos quadros da natureza, viva ou morta, que deflagra no homem o desejo de expressá-los através do discurso ou da efabulação.

Relembremos em nossos dias a literatura criativa de um Guimarães Rosa, exemplo superlativo de criatividade, marcada pelo apelo a critérios semelhantes na busca de uma originalidade ansiosa de compatibilizar a descrição da natureza anímica e ambiental, infinitamente vária, com a precariedade do nosso arsenal expressivo fornecido pelos meios de expressão correntes.

Diante da vastidão do tema, limitar-nos-emos agora, cingindo-nos ao nosso Autor comentado, a mencionar uma coleta de 189 termos que inserimos no nosso próximo Dicionário Cronológico da Língua Portuguesa, usados por José de Alencar, com anterioridade comprovada, até ao presente momento, em relação a outros autores da Literatura em língua portuguesa.

A base documental do referido levantamento é o Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa, o mais autorizado da atualidade e a leitura de todas as obras de José de Alencar enfeixadas na Coleção da Editora Aguilar.

**VOCABULÁRIO:** Termos pioneiramente empregados por ALENCAR, até prova em contrário (cf. as datações fornecidas pelo Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa).

## J. ALENCAR

**ACHAMALOTAR (-SE)**, **ADJETIVAÇÃO**, **ALÚVIO**, **AMERICANISMO**, **ANELAR** (adj.), **APÁ** (= pá), **APARTE**, **ARMARINHO**, **ARQUIBANCADA**, **ARRULO**, **AVILTANTE**, **BANDEIRISTA**, **BARBICA**, **BASTARDINHO** (termo de tipografia), **BEATISMO**, **BEMA** (= palanque), **BICHO-CARPINTEIRO**, **BICÓ**, **BLATERAÇÃO**, **BOLÍVAR** (= chapéu alto, de abas largas, ao estilo de Bolívar), **BOMBEIRO** (= espião ou explorador de campo inimigo), **BRUTAMONTE**, **CABRALHADA**, **CACIMBÃO**, **CACUNDÊ** (= tipo de adorno de roupas femininas), **CANCÃ** (= canção), **CANGOTE**, **CANGUEIRO**, **CAPELISTA** (= vendedor de miudezas), **CAPETA**, **CAPUÃO** (o.m.q. capão; pequeno bosque), **CARAMBA**, **CARAÚNA** (adj. = cor preta carregada), **CARICATURISTA**, **CARREADOR** (var. distensa de carreadouro), **CAVALHEIRESCO**, **CAVALHEIRISMO**, **CHICHÁ/ XIXÁ**, **CHILIDO** (= pipilo, trinado), **CHIMARRÃO** (= mate cevado sem açúcar), **CHUMBERGA/ CHUMBERGAS/ CHUMBREGA/ XUMBERGA/ XUMBERGAS/ XUMBREGA/ XUMBREGAS**, **CINZAR**, **COCHILLO**, **COMODISMO**, **CONGOTE**, **CONSOLO** (= suporte arquitetônico), **CONVOLVER(-SE)**, **COQUE** (= penteado feminino), **CORRIXO**, **CRINOLINA**, **CROCHÊ**, **CUPIDEZ**, **DÁLIA**, **DEGAS**, **DESANUVIAR(-SE)**, **DESFROTÁVEL**, **DESPRECATADO**, **DESTAQUE**, **DUNGA** (= indivíduo poderoso e superior que se impõe em seu meio familiar ou social), **EDITORIAL** (adj.), **EGOÍSTICO**, **EIVAR** (= contaminar, corromper), **EMBOLAR (-SE)**, **ENCAFIFAR**, **ENGAMBELAR** (= enganar, seduzir), **ENGAMBITAR** (= transpor a pé ou a gâmbias), **ENGAZOPAR** (= lograr, ludibriar), **ENGORDA**, **ENQUIZILAR (-SE)**, **ENREDIÇA** (= ramos de plantas entrelaçadas), **ENTONAÇÃO**, **ESBELTEZA**, **ESBORDOAR**, **ESCABREAR**, **ESCALPELAR** (= dissecar com o escalpelo), **ESFROLAR** (= encrespar), **ESPÁCIO** (diz-se da rés que tem os chifres muito abertos), **ESPIRITISTA**, **ESTÁGIO**, **ESTENTÓREO** (= próprio de estentor), **ESTUMAR** (= excitar, açular), **FACEIRAR (-SE)**, **FERROAR**, **FLAMBAR**, **FOLHARADA**, **FRONDAR**, **FUMACEIRA**, **GALHEIRO**, **GAMBETEAR** (= fazer gambetas ou

ziguezaguear), **GARDÊNIA**, **GAROA**, **GATIMONHO**, **GAUCHAR**, **GRADIL**, **GRAMADO** (s.m. = terreno plantado de grama), **GUASCA** (etnônimo), **GUENILHA/ GUINILHA** (= andadura ligeira, cômoda e macia do cavalo), **HAVANA** (= charuto fabricado em Havana), **HÍMEN**, **HIPIÁTRICO** (rel. a eqüitação), **HOMÓGRAFO**, **HURRA** (interj.), **IARA**, **IDIOTIA**, **INCOMPRESSÍVEL** (= irreprimível, incoercível), **INCONVERSÍVEL**, **INEXPRIMÍVEL**, **INFANTILIDADE**, **INTERROGADOR**, **INTUIR-SE** (= imbuir-se, penetrar-se), **IRISAR(-SE)** (= revestir-se das cores do arco-íris), **ITAOCA**, **IXE** (interj.), **JUVENESCER**, **LAÇAÇO** (= golpe dado ou atirado com laço), **LANGUESCER**, **LIBIDINAGEM**, **LOMBINHO** (= peça de carne), **MACADAME**, **MAGNÍFICA** (peça ou composição do devocionário católico), **MAIORISTA**, **MALHAR** (= fazer pouso, pernoitar), **MANDUREBA** (= aguardente, caçacha), **MANGUEIRA** (= curral de gado), **MANUÊ** (= bolo de fubá), **MARMORIZAR**, **MESSALINA**, **MOCAMBEIRO** (adj.), **MOLECADA**, **MONETIZAÇÃO**, **MONETIZAR**, **MUCICA** (= processo de derrubada da rés pelos vaqueiros nordestinos), **MUSCULATURA**, **NACA** (= pedaço ou fatia), **NHANHÃ**, **OFTALMOLÓGICO**, **ORGANDI**, **ORNEJO** (= ato de ornejar, relincho), **OUTÃO** (= fachada lateral da casa), **PAINEIRA**, **PAISANADA**, **PAROLICE**, **PASSA-PIOLHO** (= modelo de corte de barba característico), **PASTICHE**, **PAUTEAR** (= tagarelar, cavaquear), **PEITADA**, **PEIXADA**, **PELEGO** (= pele, couro), **PERALTICE**, **PERERECA**, **PERLAR** (v.tr.dir. = perolar; aljofrar), **PERSIANA**, **PERSPIRAR**, **PIRRACENTO** (= dado a pirraças), **PIRRALHO**, **PRESCINDÍVEL**, **PRIMAR**, **PSEUDÔNIMO**, **QUENGO**, **RAPSODE** (var. de rapsodo), **ROÇAGAR** (= arrastar [uma veste] pelo chão), **RUGAR(-SE)**, **SAFANÃO**, **SERRARIA** (= serrania), **SIBARÍTICO**, **SIM-SENHOR** (= nádegas), **SOBRELINHAR**, **SOCALCAR**, **SONGAMONGA** (= sonso, fingido), **SPLEEN**, **SURRUPIAR**, **TAGAPEMA**, **TÍLBURI** (= certo tipo de carro antigo), **TITÂNICO**, **TITILANTE**, **TOCAIO**, **TOMA-LARGURA** (= criado do paço), **TONIFICAR**, **TRAQUEJO**, **TREMELICAR**, **TRILO**, **TRINDADE(S)** (= o toque das ave-marias), **TROCA-TINTAS**, **TUNDÁ** (= saia rodada, anquinhas), **VÍSPORA**, **VOLTEIO**, **XARÁ**, **XÔ** (interj.= usada para enxotar galinhas e outras aves), **ZONZO**.